

“O Arquitecto José Geraldo da Silva Sardinha – construtor de espaços de passagem, encontros e permanências”

Maria do Carmo Marques PIRES *

Aqui tratámos a mobilidade do artista em dois registos: através dos compromissos assumidos entre o arquitecto e o encomendador na concretização de projectos a serem aplicados na própria cidade ou numa região próxima da que eles habitam e através do modelo que inspirou um outro criador de uma outra região, influenciando outros objectos artísticos. Essa mobilidade traduziu-se ainda a partir do diálogo e vontades expressas pelo pagador da obra aquando da sua encomenda ao arquitecto. Diálogos entre pessoas que coexistiram fisicamente em ruas próximas da mesma cidade, mas cujas vivências e experiências com realidades diversas determinaria forma e função do objecto a construir: as obras aqui analisadas tiveram algumas lições brasileiras, resultantes da mobilidade de um dos encomendadores que nesse país viveu e enriqueceu e de subscrições feitas, com capital oriundo dos que para aí tinham emigrado, para conclusão da obra.

Pretendeu-se ainda aqui fazer falar a arquitectura através da História, da Música, das Palavras, da Pintura, dos Projectos, das Edificações e dos Actores que evoluíram nestes espaços. Partir do invólucro arquitectónico do – [...] lugar *arranjado no interior em que o limite do solo, a parede e o tecto são os primeiros elementos [...]*¹ e *apreender toda a vivência do espaço onde a vida se desenrolou e se desenrola*².

A aprendizagem do projecto

José Geraldo da Silva Sardinha nasceu a treze de Fevereiro de 1845, na freguesia de Pedroso, concelho de Vila Nova de Gaia³, neto e filho de conhecidos mestres pedreiros que trabalharam na cidade do Porto, respectivamente João da Silva e Francisco Geraldo da Silva⁴. Frequentou o curso de Arquitectura Civil na ABAP, de 1863 a 1867⁵ e foi pensionista de Arquitectura em Paris, a partir de 31 de Agosto de 1867, cidade onde frequentou o atelier de Questel-Pascal e a Escola de Belas Artes⁶. Abandonaria a Cidade-Luz, em

* Mestre em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ DONNADIEU, Brigitte – *L'Apprentissage du Regard. Leçons d'architecture de Dominique Spinetta*. Paris: Éditions de la Vilette, 2001, p. 21.

² PIRES, Maria do Carmo Marques – *A Rua Álvares Cabral (1895-1940). Formas de Habitar*. Porto: Publicações FAUP, 2000, p. 19

³ A.E.S.B.A.P. – Processo do Aluno, certidão de Baptizado.

⁴ Queiroz, J. Francisco Ferreira – *A Casa do Campo Pequeno, da família Pinto Leite. Enquadramento e abordagem preliminar a uma habitação notável do Porto Romântico*. In Revista da Faculdade de Letras – Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Universidade do Porto. Porto: 1ª Série, volume III, 2004, pp. 183-215.

⁵ Actas das Conferências Gerais (1837-1896), fl. 33 de 31 de Agosto 1864; fl. 34v de 31 de Agosto 1865; fl. 40 de 31 de Agosto de 1866; fl. 42 v de 31 de Agosto de 1867.

⁶ A.E.S.B.A.P Livro de Correspondência dos pensionistas com o Estado, 24 de Setembro de 1869, fl. 6 [...] Não podendo n'este anno entrar na Escola Imperial, por causa do adiantado curso de desenho exigido para admissão e

26 de Outubro de 1870, numa altura de grande instabilidade aquando da guerra Franco-Prussiana, abandono imposto a todos os pensionistas estrangeiros⁷. Durante a sua curta permanência no Porto foi convidado a assumir a regência interina da cadeira de Architectura Civil⁸, por doença do então professor Manuel d'Almeida Ribeiro. A Paris regressou em 1872⁹ e aí permaneceu até 1873, onde realizou diversos trabalhos que integrariam as exposições trienais de 1869, 1874 e 1878.

Em 5 de Novembro de 1873, a Academia de Belas Artes do Porto recebia do director da Escola de Belas Artes de Paris uma certidão onde se mencionavam as classificações honrosas obtidas, assim como um elogio dos professores-arquitectos Questel e Pascal, acerca da sua inteligência, assiduidade e regularidade. Na mesma altura José Geraldo da Silva Sardinha oferecia à Academia de Belas Artes do Porto um projecto de um mercado público¹⁰. Face a este *curriculum* foi proposto para académico de mérito¹¹, distinção essa muito importante para a época, como referiu António Cardoso [...] *Os académicos de mérito são, então, um elemento fundamental da estrutura organizativa e a sua condição ou grau é já o primeiro passo para o recrutamento para a docência ou para a comparência nas conferências gerais ou ordinárias, integrando jûris* [...] ¹². José Geraldo da Silva Sardinha viria a ocupar cargos de docência e de Director da Academia entre 1879 e 1906¹³, ano da sua morte.

As lições do olhar e da execução nos projectos realizados em Paris

As imagens analisadas mostram-nos a obra de um académico que em Paris se encontrava sujeito ao programa e aos princípios estéticos das Beaux-Arts, programa esse internacionalmente reconhecido. Enquanto aluno deveria adquirir mestria no desenho, base de todo o ensino artístico, e inspiração em modelos clássicos, factores que lhe permitiriam a interiorização de certos princípios fundamentais como o da estabilidade, conferida pela

em pouco transpondo o limite da idade requerida, seguí livremente os cursos theoricos leccionados na secção de Architectura e estudei ao mesmo tempo sob a direcção de Mr. Questel os projectos dados aos alunos ordinários da Escola. Fl. 12 [...] Em Abril entrei para a Escola Imperial de Bellas-Artes. Livro de Das Conferências Gerais (1837-1896) fl. 60 v.

⁷ Idem, 26 de Outubro de 1870, fl. 9: *Ill.mo Snr – Em consequência da guerra Franco-Prussiana fomos obrigados a sairmos de Paris, onde o governo d'accordo com a Illustrissima Accademia nos tinha ordenado de residir; e como a oportunidade não permittiu recebemos instrucções precisas do Ministro portuguez ali residente, recolhemos as nossas famílias [...]*

⁸ A.E.S.B.A.P. Offícios para diversas auctoridades, Académicos de mérito, 1 de Novembro 1870, fl. 33.

⁹ A.E.S.B.A.P. Correspondência dos pensionistas de Estado com a Academia, 9 de Dezembro de 1871, fl. 10, *Ill.mo Snr – A guerra e as agitações que flagelaram a França estando acabadas, e as cousas d'esta nação tendo voltado ao seu estado normal, julgo opportuno e urgente o meu regresso a Paris para retomar os estudos [...]*

¹⁰ Nas Actas das Conferências Gerais (1837-1896), fls. 60v-61 lia-se o seguinte texto: [...] *certidão autentica passada por Mr. Eng. Guillaume director da escola nacional e especial de bellas-arts de Paris em 18 d'Agosto de 1873 [...] fora admittido na dita escola pela segunda classe em 23 d'Abril de 1870, e obtivera as seguintes recompensas [...]: em 4 de Julho de 1872 segunda menção por um projecto d'architectura passado a limpo: em 29 do mesmo outra segunda menção por outro projecto idem: em 5 d'agosto seguinte menção em stereotomia: em 29 de Novembro menção em mathematicas: em 30 de Dezembro menção em geometria descriptiva: em 8 de Maio de 1873 segunda menção por um projecto d'architectura posto a limpo: em 4 d'agosto menção em perspectiva, em 5 do mesmo medalha em construção geral. [...]. Apresentou em seguida um projecto posto a limpo d'um mercado [...], dado, e offerecido pelo auctor a esta Academia [...].*

¹¹ Idem, fl. 61 Offícios para diversas auctoridades, Académicos de mérito, fl. 52v.

¹² CARDOSO, António – *O Arquitecto Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX*. Porto: FAUP publicações, 1997, p. 17.

¹³ José Geraldo da Silva Sardinha foi nomeado Director da Academia de Belas Artes a partir de 16 de Abril de 1896 até 28 de Novembro de 1906, ano em que morreu.

aplicação dos cânones gregos, valorizada pela arte romana e conjugada com o equilíbrio¹⁴. Ensino que valorizava no desenho o rigor de composição, avaliado em provas nas quais a realização de um projecto era limitado no tempo e demonstrativo da habilitação e das soluções encontradas pelo aluno na sua consecução, [...] *na aferição da fidelidade ou desvio em relação à norma em que se instituem e se traduzem [...]*¹⁵. Este tipo de ensino estava, sem dúvida, desajustado da realidade sócio-económica do país no qual o arquitecto seria solicitado a executar projectos e espaços de uma forma mais pragmática. Enquanto pensionista do Estado realizou e enviou para a Academia de Belas Artes do Porto diversos projectos entre 1869 e 1873, tais como uma Igreja Paroquial para uma cidade¹⁶, um Museu num Parque¹⁷, um Teatro¹⁸, uma Torre de Observação e Sinais¹⁹, um Mercado²⁰ e um projecto d'uma Igreja Paroquial para o Porto²¹.

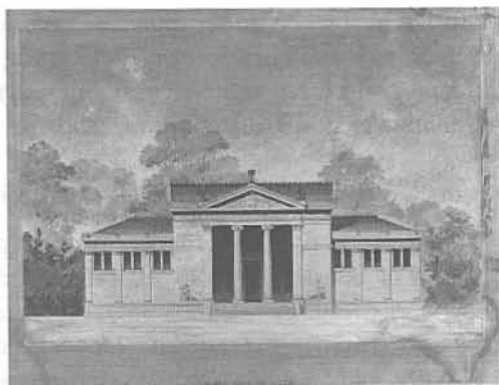


Figura 1 – A.F.A.U.P. Museu num parque 1869.

A obra do arquitecto

Abordaremos de uma forma sucinta a capela do cemitério privado da Celestial Ordem da S. S. Trindade do Porto, no cemitério de Agramonte, e de uma forma mais exaustiva a edificação do grande Hotel do Porto e do Teatro Sá de Miranda de Viana do Castelo.

Na Exposição trienal de 1881, enquanto professor na Academia, participou com o projecto de alargamento da Biblioteca e Museu de S. Lázaro, onde então se encontrava instalada a Academia, projecto esse que nunca seria concretizado. Autor de diversos projectos construídos ou não, dos quais enumeramos os da planta baixa da Igreja do Bonfim, a cúpula da Igreja da Trindade e dos alçados do edifício da mesma Ordem da Trindade²², casas unifamiliares²³, obras de remodelação/ampliação e saneamento²⁴.

O arquitecto Luís Soares Carneiro disse da obra de Sardinha, a respeito do Teatro Sá de Miranda, que esta se caracterizava por uma enorme sobriedade, se pensarmos que foi projectada por alguém com formação parisiense, tratando-se de um artista [...] *pouco dado a*

¹⁴ LENIAUD, Jean-Michel – *Les bâtisseurs d'avenir. Portraits d'architectes XIXe – Xxe siècle*. [s. l.]: Fayard, 1998.

¹⁵ CARDOSO, ob. cit. p. 46.

¹⁶ A.E.S.B.A.P Livro de Correspondência dos pensionistas com o Estado, cota 9, Novembro de 1868, fl. 3.

¹⁷ Idem, 3 de Abril de 1869, fl. 7.

¹⁸ Idem, ibidem, 5 de Maio de 1869, fl. 7.

¹⁹ Idem, ibidem, 9 de Dezembro de 1871, fl. 11.

²⁰ Idem, ibidem, 9 de Dezembro de 1871, fl. 11.

²¹ Idem, ibidem, Novembro de 1872, fl. 14.

²² COUTINHO, Xavier – *História Documental da Ordem da Trindade*. Porto: Edição da Celestial Ordem da S. S. Trindade, vol. II, 1974.

²³ Destacamos nesta vertente da arquitectura um palacete de referência, edificado para Clemente Pereira de Vasconcellos, na rua Duqueza de Bragança, como nos revela Manuel de Sampaio Graça na sua dissertação de Mestrado intitulada *Construções de Elite no Porto (1805-1906)*. Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, 2º Vol., pp. 383-390.

²⁴ A. H. C. M. P. Livros de Plantas de Casas de 1876 a 1897.

inovações [...] ²⁵. Penso ser uma característica que se aplica a toda a obra deste arquitecto, reveladora de uma boa formação científica, completamente diferente em termos formais das suas realizações académicas. Obra sóbria, sólida, bem estruturada, pouco inovadora, muito convencional, adaptada às realidades nacionais.

A Capela Privativa da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade

José Geraldo da Silva Sardinha realizou o projecto e supervisionou gratuitamente as diversas fases da construção da capela privativa da Celestial Ordem da Santíssima Trindade no Porto ²⁶, da década de Setenta (1873), cuja encomenda lhe foi feita por ser considerado [...] *um hábil architecto [...] tendo este feito todas as plantas baixas e alçados da Capella do Nosso Cemiterio e seus accessorios acrescia o ter elle sido o mesmo que tinha dirigido a execução da obra [...] ²⁷*.

Aqui se impõe uma pequena obra de granito, digna e habilmente concebida, de fachada ornamentada com elementos arquitectónicos de linguagem clássica, de anteriores lições aprendidas e passadas à pedra. Fachada sóbria mas movimentada por pequenos avanços e recuos de pequenos volumes, ornamentada por pilastras, mísulas, por elementos decorativos geométricos, frontão triangular, volutas, possuindo ainda um frontão triangular com o símbolo da ordem e uma pesada cruz pétrea, lembrando a função do espaço. A presença de duas árvores nos dois ângulos desta fachada humanizam-na, protegem-na e com ela interagem através das sombras que nela se projectam, sugerindo e criando outros espaços mais leves e frescos, convidando à interiorização, ao sonho, à contemplação e ao recolhimento. Também ela transmite a ideia de abrigo seguro, habitado transitoriamente por grupos que num momento de dor lhe confiam o seu ente desaparecido ou ainda de uma forma permanente, a quem aí se encontra no seu espaço circundante. Situada no eixo central do pequeno cemitério privado, no fim de um pequeno trajecto – alameda ao qual se acede pela transposição de um portal de ferro que inicia um percurso bordejado por jazigos e árvores, numa clara referência a um último abrigo, ao limiar de duas vidas num espaço pleno de infinito. Em todo este espaço se imbricam a dor e a aceitação num clima discreto de paz, luz, silêncio, de um habitar físico e místico, contemplativo, num espaço de passagens para um outro descanso permanente.

O Grande Hotel do Porto ou a Casa Transitória.

O espaço nascido do compromisso entre o arquitecto e o encomendador/viajante.

Acorda, vem ver a lua
Que dorme na noite escura
Que surge tão bela e branca
Derramando doçura
Clara chama silente ardendo
O meu sonhar

As asas da noite que surgem
E correm o espaço profundo
Oh, doce amada desperta
Vem dar teu calor ao luar
[...] ²⁸



²⁵ CARNEIRO, Luís Soares – *Teatros Portugueses de Raiz Italiana. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2002, Vol II, p. 843.*

²⁶ CARDOSO, ob. cit., p. 603, nota 6 [...] *A celestial Ordem da Santíssima Trindade, depois da proibição oficial de enterramentos na área referida (1866), adquire terrenos em Agramonte onde inaugurou o seu cemitério em 2 de Setembro de 1872. Aí mandou construir a capela privativa, com risco do arquitecto José Geraldo da Silva Sardinha, benzida em Maio de 1877.*

²⁷ Livro 3º das Actas da Sessão da Meza, fls. 178-179v. In COUTINHO, Xavier História Documental da Ordem da Trindade. Porto: Edição da Celestial Ordem da S.S. Trindade, vol. II, 1974, pp. 856.

²⁸ Do álbum *Mais Simples*, Zizi Possi canta Melodia Sentimental. Música de Heitor Villa-Lobos. Letra de Dora Vasconcelos.

Se da cidade olharmos para uma qualquer janela da fachada do Grande Hotel do Porto ou se o habitar-mos, compreendemos que *os lugares são dentro abertos ao exterior*²⁹, evadimo-nos no tempo e somos convidados a olhar de uma outra forma a arquitectura. Neste espaço de grande intimidade há um claro convite a olhar o mundo imenso e a experimentar uma infinidade de sensações, constantes desafios nesse espaço acolhedor, ou a habitar-mos um seu qualquer espaço interior protegidos pelo tecto e paredes – de um abrigo ainda que transitório, Banõn fala-nos do hotel *como o de um lugar de trânsito e de vida em suspenso [...] é uma casa e uma luz emprestadas [...]*³⁰. Lugar de vidas que descansam temporariamente fora da casa a que chamamos nossa, em aposentos alugados os quais pagamos para usufruirmos de uma cadeira, de um leito de uma impressão de Lar. Aqui a arquitectura continua a falar e a revelar vidas e silêncios de histórias que humanizam este espaço de muitas viagens.

Esta edificação da cidade foi mandada realizar por Daniel Martins de Moura Guimarães, nascido a 26 de Agosto de 1827, no concelho de Gondomar, na freguesia de Fânzeres³¹, no lugar de Santa Eulália, que emigraria para o Rio de Janeiro a 5 de Novembro de 1844, com 17 anos³² ao encontro do seu padrinho que aí habitava. De acordo com o estudo de Jorge Alves³³, este negociante terá regressado em 1867, com cerca de 45 anos de idade, com uma riqueza substancial. Daniel Martins de Moura Guimarães foi um dos muitos milhares de emigrantes, marcado pelo sucesso, denominado de “brasileiro”³⁴ – [...] *estes indivíduos que no Brazil são chamados de portugueses e entre nós brasileiros [...]*³⁵. Enriquecido no Brasil, volta e aqui se torna um grande proprietário³⁶, pessoa muito respeitada e influente³⁷. Para além de negociante era também viajante do mundo, tendo visitado vários países da Europa, a Palestina³⁸ e escrito um Guia do Amador de Bellas Artes para quem quisesse conhecer *o que de mais notável existia em cada país*³⁹. Voltaria ao Brasil e aí morreria em 1893, no país em que construíra a sua fortuna.

²⁹ DONNADIEU, ob. cit., p. 21.

³⁰ BANÕN, José Joaquim – *Pensamento Arquitectónico na Obra de José Saramago. Acerca da Arquitectura da Casa*. Lisboa: Caminho/Estudos de Literatura Portuguesa, 2004, p. 63. Aqui o autor refere o Hotel Bragança na Obra *O ano da Morte de Ricardo Reis*.

³¹ ADCMP – M/12, BOB 106 Livro Paroquial de Fânzeres – Baptismo. Fls. 66v-67. Este documento refere que o padrinho João Antônio Airoso se encontrava no Rio de Janeiro e passou procuração a um tio [...] *Padrinho João Antonio Airoso da cidade do Rio de Janeiro, por procuração que fêz ao senhor Manoel Ferreira, solteiro filho dos ditos Avos maternos supraditos [...]*

³² ADCMP – C/3/2/2 – 3254, Fundo do Governo Civil, Livro de Passaportes de Emigrantes nº 594.

³³ Emigrantes retornados no distrito do Porto entre 1863-1873, segundo mapas de inquérito à emigração, anexo 6.1. In ALVES, Jorge Fernandes – *Os Brasileiros. Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. Dissertação de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993, 2º vol, p. 23.

³⁴ ALVES, Jorge Fernandes, ob. cit., p. 37 “ [...] conotação ampla e abrangente. Empenhados na análise social da emigração, o vocábulo terá de significar, para nós, todo o emigrante que vai para o Brasil [...] rico ou pobre.

³⁵ MORAES, J. Tabner. In *Primeiro Inquérito Parlamentar sobre a Emigração Portuguesa Comissão da Camara dos senhores Deputados*. Lisboa: Imprensa nacional, 1873, p.177, citado em ALVES, Jorge Fernandes, ob. cit. p. 1.

³⁶ A. H. C.M.P. Em diversos documentos encontram-se referências à sua quinta do Bom Sucesso no Índice dos Documentos Originais, vol. I, livro 8, fl. 36, de Outubro de 1872 e a obras ou casas que mandou edificar nas ruas da Alegria e Santa Catarina constantes dos livros de plantas de casas de 1876 a 1884.

³⁷ AHCMP Livros de recenseamento eleitoral do Bairro Oriental, da freguesia de Stº Ildefonso: BOR 3141, fls. 55v-56 1879; BOR 3142, fls. 51v a 52; BOR 3144 fls.; BOR 3144, fls. 51v, 52; BOR 3145, fls. 42v 43. Nestas fontes aparecia como elegível para deputado e cargos administrativos, partilhando com o arquitecto José Geraldo Sardinha esta prerrogativa.

³⁸ Jornal O Primeiro de Janeiro de 1968. Um artigo intitulado *Há 75 Anos*, informava da morte ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, em 1893, de Daniel Martins de Moura Guimarães fundador – proprietário do Grande Hotel do Porto.

³⁹ D. M. M. G. – *Guia do Amador de Bellas Artes*. Porto: Typographia Commercial, 1871.

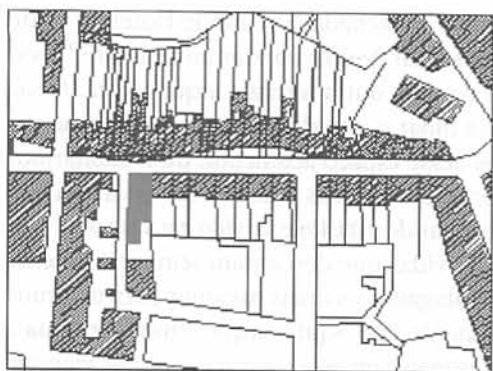


Figura 2 – Planta da cidade do Porto, r. de Stª Catarina, 1881.



Figura 3 – A. H. C. M. P. Livros de Plantas de Casas nº LX, fls. 283-286.

por proeminentes cornijas e varandas de serralharia, possuidora de uma gramática decorativa despojada, utilizando materiais de qualidade e transmitindo uma certa dignidade. Distingue-se a concepção da fachada principal e a fachada lateral, menos cuidada – tradição da arquitectura portuense. Esta edificação apresenta as características da obra deste arquitecto e a nosso ver da arquitectura que então se fazia na cidade: sóbria, sólida, bem estruturada, pouco inovadora, adaptada à realidade local e função numa clara poupança de meios. A compreensão da totalidade do edifício pode ser conseguida se a leitura das

Este hotel foi mandado construir após a aquisição dos terrenos em 23 de Fevereiro de 1873,⁴⁰ que integravam a propriedade de D. Antónia Adelaide Ferreira, “A Ferreirinha” e de Francisco José da Silva Torres⁴¹.

Como podemos observar na planta da figura 2, este edifício já se encontrava representado em 1881. Os primeiros projectos foram elaborados e propostos pelo arquitecto num curto intervalo de tempo, entre Maio e Agosto de 1877 e o hotel seria inaugurado em 27 de Março de 1880. A figura 3 mostra os projectos da fachada principal, voltada para a rua de Stª Catarina e da fachada lateral, situada na viela das Pombas, de Agosto de 1877, e o do acrescento das águas-furtadas, de 1878⁴².

Edifício de fachada principal simples e harmoniosa, de leitura vertical marcada por um eixo de vão-porta, no primeiro piso, e porta nos segundo e terceiro pisos, rematado por frontão curvo. Uma outra leitura horizontal se faz, a partir dos registos marcados

⁴⁰ A.D.C.M.P. Fundo Notarial, notas do tabellião Thyberio Augusto Pereira Mendes – PO 1ª, 4ª série, Livro 740, fls. 80-80v. Daniel Martins de Moura Guimarães registou a compra em nome dos seus dois filhos, António e Isabel O primeiro ficava com as casas numeradas na R. Stª Catarina com os números 161 a 165, na viela com os nºs 1 a 13 [...] formando um quadrilongo que confronta do nascente com a rua de Santa Catharina [...]; do poente com terrenos dos vendedores [...]; do norte com a Viella das Pombas [...], e do sul com outra parte da propriedade dos vendedores seus constituintes que por escriptura desta data a vão vender à menor Izabel [...].

⁴¹ O espaço embrionário do hotel era, na década de trinta, ocupado por edificações com frente para a rua de Stª Catarina e o restante terreno ocupado por árvores de fruto e campos de cultivo. A propriedade era em 1869, [1ª Conservatória do Registo Predial, L.ª B 26, fl. 131v, nº 5144] composta por quatro casas de habitação e casas para caseiro têm ainda para a viela das Pombas outra casa térrea anexa com os nºs policiais 1 a 3 e 5 a 13, campos, árvores, água de bica, e tinham os números 157 a 165. A nascente localizava-se a rua de Santa Catarina, a poente o ribeiro e canos que conduziam a água para o Convento das Religiosas de S. Bento da Ave-Maria, a norte ficava a viela das Pombas [...]. Num segundo averbamento, posterior a 1887, o Grande Hotel do Porto tinha os nºs 163 a 165B, fruto da reunião dos terrenos dos dois irmãos e compunha-se de dois andares para a frente e águas furtadas.

⁴² AHCM, Livros de Plantas de Casas nºs: 59, fls. 115 a 117, de Maio de 1877 e nº60, fls. 283 a 286, de Agosto de 1877. Correspondem a dois projectos, substituindo os alçados do 1º projecto já aceites em Vereação de 17 de Maio 1877, por outros que acrescentavam mais um piso e aumentava substancialmente a fachada lateral da Vuela das Pombas.

fachadas for cruzada com a descrição quase exaustiva do seu interior, feita no jornal do Comércio do Porto em 25 de Dezembro de 1889, aquando da estada dos ex-imperadores do Brasil [...] Os aposentos ocupados por SS. MM., no Grande Hotel são [...] doze além da sala de visitas e sala de jantar. Os quartos destinados aos ex-imperadores são situados ao fundo do vestibulo e fronteiros um ao outro. A sua decoração é muito simples e sem ornamentação alguma [...] Os leitos [...] estão colocados ao centro do quarto encostados à parede [...] ao lado dos quartos os gabinetes de toilette. [...] esta sala [de jantar] fica situada ao principio de um corredor que dá ingresso aos aposentos da snr.^a baroneza de Japurá [...] ⁴³.

Há um compromisso entre o arquitecto que projectou o hotel e o encomendador, este um emigrante que com esforço e poder de iniciativa fez fortuna e voltou, nunca se desvinculando da experiência adquirida no Rio de Janeiro e revelando-se sempre como um eterno viajante que precisava pontualmente de parar, descansar num qualquer lugar temporariamente emprestado. Esta sua mobilidade e experiência leva-o a conceber uma edificação que espelhasse a cidade e permitisse pensar, sonhar, reflectir, acomodar confortável e condignamente qualquer visitante. O edificio revela-nos algumas características da sua personalidade: pragmatismo e segurança.

Pelo Grande Hotel passaram ilustres figuras das quais destacamos as de D. Pedro II e D. Thereza Christina, ex-imperadores do Brasil, tendo a ex-imperatriz nele falecido no dia 28 de Dezembro de 1889. Também Eça de Queiroz aqui permaneceu e procurou abrigo em 1895, num momento em que se decidia da abertura da rua Álvares Cabral e do fim da Quinta de St.^o Ovídio. A proximidade e o prestígio do hotel terão determinado a escolha deste lugar para abrigo, um substituto da casa. Em duas cartas endereçadas a Emilia de Castro, Eça expressa bem um certo desassossego de quem anseia sair de uma rotina, abandonar o lugar que não consegue habitar, por muito mais tempo quando na primeira diz “[...] O tempo porém imensamente abominável. Uma chuva pegada, cerrada, lenta, bem estebelecida, as if for ever. Além disso vento sul, em rajada, o que não promete senão mais chuva [...]” ⁴⁴ e na segunda carta, duma forma impaciente “[...] Ainda aqui estou – e o mau tempo ainda não cessou, com todas as suas piores feições portuenses, chuva pegada, sudoeste, a uivar, nevoeiro, e humidade, uma humidade perante a qual a de Sintra é aridez e fogo.[...]” ⁴⁵

O Teatro Sá de Miranda ou o Espaço de um outro Lugar

A iniciativa da encomenda do projecto deste teatro ao arquitecto José Geraldo da Silva Sardinha pertenceu, segundo Amadeu Costa, a uma sociedade anónima “A Companhia Fomentadora Vianense” e surgiu da necessidade da [...] construção de um edificio civilizador que viesse substituir o velho e mais que modesto teatro da Caridade [...] ⁴⁶. De acordo com o estudo de Carla Barbosa ⁴⁷ a cidade tinha grandes tradições culturais associadas a uma prosperidade económica oriunda do comércio do açúcar brasileiro, a partir do século

⁴³ O COMMERCIO DO PORTO, N.º 332, Quinta-Feira, 25 de Dezembro de 1889, II, 2.

⁴⁴ MATOS, A. Campos – Eça de Queiroz – Emilia de Castro. Correspondência epistolar. Póvoa de Varzim: Lello & Irmãos, 1995, p. 448. Carta escrita do Grande Hotel do Porto em 12 de Novembro de 1895.

⁴⁵ Idem, p. 449, em 13 de Novembro de 1895.

⁴⁶ COSTA, Amadeu – Teatro Sá de Miranda. Achegas para o seu curioso e brilhante historial. In Cadernos Vianenses, Tomo X. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura, p. 127.

⁴⁷ BARBOSA, Carla Soares – Viana do Castelo – O Teatro Sá de Miranda no Espaço Músico Cultural da Cidade (1885-1914). Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1995, p.31.

⁴⁸ BARBOSA, ob. cit, p. 42.

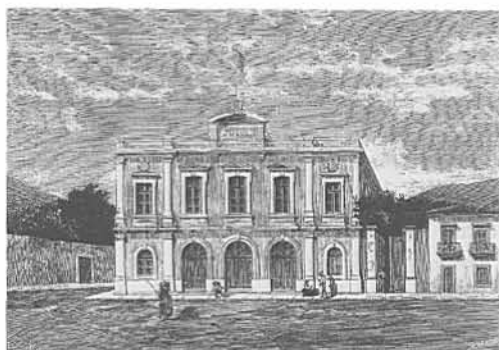


Figura 4 – Desenho da Fachada do teatro Sá de Miranda In *Occidente*, revista *Illustrada de Portugal e do Extranjero*, 8º Anno, vol. VIII, nº 230, 11 de Maio de 1885.

XVII, e do ouro, a partir do século XVIII, o que propiciaria a realização de saraus musicais, um gosto generalizado pela música, manifestações culturais promovidas por grupos sociais de referência e camadas populares. Em 1875, a obra de arquitectura seria encomendada ao arquitecto portuense e a pintura do tecto a João Baptista do Rio, pintura feita *em trompe l'oeil*, a branco e ouro, azul com nuvens brancas, circundado por oito medalhões retratando dramaturgos⁴⁸. O teatro seria concluído dez anos mais tarde, após a angariação de fundos em Viana, Lisboa e Rio de Janeiro⁴⁹.

Em 29 de Abril de 1885 esta sala de espectáculos seria inaugurada com a opereta *Boccaccio*, com partitura de Suppé e actores do Teatro Príncipe Real do Porto e, a recitação seguinte com música de Sá de Noronha para a obra de um autor brasileiro, um comediante, Artur Azevedo em *A princesa dos Cajueiros*⁵⁰.

Construído no ângulo das antigas ruas das Correias e da Amargura, actualmente ruas Major Xavier da Costa e Emídio Navarro, este edifício de cultura teve uma intensa actividade na transição do séc. XIX para o XX, tendo apresentado espectáculos que se pretendiam rentáveis em diversas vertentes: teatro, music-hall, atracções, música dramática e cinema.

A concepção harmoniosa da fachada principal voltada a poente, evidencia características do arquitecto anteriormente referidas: tripartida, com um corpo central e dois laterais distintamente destacados por pilastras. No primeiro piso, três portas de verga redonda com chave e duas janelas, uma em cada ângulo (substituídas por duas portas em 1957); no piso superior, quatro janelas emolduradas a cantaria recta com chave na padieira e encimadas por frontões triangulares. Edifício sóbrio, coroado por cornija e platibanda com um frontão central decorado com um símbolo de uma das funções do edifício – a lira.

A planta apresenta a forma de um trapézio, de frente estreita e alargando na sua fachada posterior. O seu espaço interior é composto por três módulos: o da entrada, o módulo da sala e o módulo do palco [...] ⁵¹. Tem uma plateia em forma de arco ultrapassado, três ordens de camarotes, com capacidade para cerca de 400 lugares, pano de boca desenhado por Luigi Manini e pintado por Hercole Lambertini. Lugar possuidor de uma atmosfera mágica de cor e luz que interfere sensorialmente, tornando-se um cenário de muitos outros, e apresentando um equilíbrio e proporção notáveis entre os seus elementos [...] é ainda um edifício bem conseguido do ponto de vista cénico e acústico⁵².

Teatro de raiz italiana como o classificou Luís Carneiro, por possuir [...] *cena composta de palco que confina com o espaço cénico [...] este espaço articulava-se com a sala através da "Boca de cena", abertura quadrangular que ligava sala e cena [...] distinguindo a uni-*

⁴⁹ COSTA, ob. cit. p. 142.

⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 147.

⁵¹ CARNEIRO, ob. cit., p. 843.

⁵² COELHO, Sofia Thenaise – *Teatro Municipal Sá de Miranda*. In Vale do Lima. Memória, Sentimento, Situação. Ponte de Lima: Valima, 2002, p. 151.

dade sala da unidade cena associado a uma distribuição de espectadores “tendencialmente” organizada em ordens e com uma forma de sala tendencialmente curva [...] ⁵³. Aqui se conciliam dois espaços: o objectivo, transformado pela interacção com o espectador e, um outro, criado pelos corpos dos actores, músicos, bailarinos [...] corpos que se abrem ao espaço e se tornam eles próprios espaço [...] segrega, cria o espaço com o seu movimento [...] ⁵⁴.

Dizia um espectador, F. P. Vianna, que em 1885 escreveu sobre a inauguração do teatro [...] *Quando alli penetramos, sentimo-nos como que assombrados e ao mesmo tempo alegres ante aquella grandeza esplenderosa e assoberbante [...] é como um templo illuminado aonde se entra reverentemente, e produz em nós o mesmo effeito de um dia allacreante de azul e oiro, onde o nosso espirito se libra nas azas [...] ⁵⁵. A sala e o palco tornam-se assim para o espectador e artista num “templo”, termo ainda hoje utilizado por uma conceituada actriz Maria do Céu Guerra que afirmou [...] *o palco é uma espécie de templo que se pisa devagarinho, onde se tem de ter cuidado [...] Para os actores, o palco é o lugar onde estamos diante de “Deus” [...] os aplausos são uma espécie de passagens e gratidões e de energias [...] É um momento extraordinário. [...] ⁵⁶.**

Esta edificação sofreu poucas alterações ⁵⁷ ao longo do tempo, mantendo maioritariamente as suas características iniciais e manteve a importância no panorama cultural e na estrutura urbana da cidade.

José Geraldo da Silva Sardinha edificaria um lugar de cultura e sociabilidade, feito de encontros regulares numa cidade em plena expansão e influenciaria o projecto de um outro teatro em Ponte de Lima – o teatro Diogo Bernardes -, concluído em 1896, da autoria do arquitecto Adelino de Moura Magalhães Moutinho. As influências denotam-se na solidez, na linguagem arquitectónica, na estrutura da fachada e do espaço interior.

Arquitecto pouco inovador e muito convencional, como temos afirmado diversas vezes ao longo desta nossa comunicação mas, no entanto, um construtor de diversos espaços de vida – espaços construídos e espaços ensinados enquanto formador de outros edificadores. Não sendo uma figura de excepção é um *homem* de referência para a compreensão de uma determinada História da Arquitectura. Comum? Menor?

⁵³ CARNEIRO, ob. cit., vol. I, p. 19 a 21.

⁵⁴ GIL, José – *Movimento Total. O Corpo e a Dança*. Lisboa: Relógio D'Água. 2001, p. 57.

⁵⁵ *Theatro Sá de Miranda em Vianna do Castelo*. In O Occidente. Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro, 8º Anno, vol VIII, nº 230 de 11 de Maio de 1885, p. 107.

⁵⁶ In Suplemento do jornal O Primeiro de Janeiro – das artes das Letras, 13 de Junho de 2005, p. 13.

⁵⁷ COELHO, ob., cit., p. 151. Segundo a autora do artigo, este teatro sofreu alterações entre 1956/57, nas quais [...] foram suprimidas as colunas das galerias da sala, construído um pequeno bar anexo e uma plataforma para projecção de cinema [...] e posteriormente, depois da sua aquisição pela Câmara Municipal de Viana do Castelo, em 1985, o restauro da pintura do tecto da sala de espectáculos e alguns camarins. Em 1993, a mesma autora informa da existência de grandes obras ligadas à substituição de materiais como o do [...] soalho, recuperação integral d as escadas, modernizada a instalação eléctrica, instalação sonora ...

